



**RELAÇÕES DE PODER: O AUTORITARISMO EM 1984, DE GEORGE ORWELL,
E CORAÇÃO DE AÇO, DE BRANDON SANDERSON**

**POWER RELATIONS: THE AUTHORITARIANISM IN 1984, BY GEORGE
ORWELL, AND HEART OF STEEL, BY BRANDON SANDERSON**

Antônio Leonardo Alves Bezerra¹

José Jayslan Souza do Nascimento²

Lauren de Novais Silva³

Recebido em: 24 jun. 2021

Aceito em: 04 nov. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i3.41793

RESUMO: Este artigo busca analisar de que modo as configurações de poder são dispostas nos objetos de estudo, *1984* (ORWELL, 2009) e *Coração de Aço* (SANDERSON, 2016), e como o autoritarismo controla a sociedade em todos os aspectos. Foram instrumentais para a consecução do trabalho a análise do discurso autoritário e a alienação da massa, e como contribuem para uma alteração da memória e da história e o importante papel destes dois elementos para a permanência do sistema totalitário. Os conceitos em que nos debruçamos foram os de: intertextualidade nas distopias; relações de poder nas obras analisadas, refletindo fenômenos visíveis e invisíveis da realidade social e da memória; tempo como historicidade e alienação como forma de alteração e manipulação de memória.

Palavras-chave: Autoritarismo. Distopia. Memória.

ABSTRACT: This article seeks to analyze how power configurations are arranged in both objects of study and how authoritarianism controls society in all aspects. How authoritarian discourse and mass alienation contribute to an alteration of memory and history and the important role of these two elements for the invalidity or permanence of the totalitarian system. These are: contemporary intertextuality in dystopias, highlighting fear as an important term; power relations in the analyzed works, reflecting visible and invisible phenomena of social reality and memory; time as historicity and alienation as a way of altering and manipulating memory.

Keywords: Authoritarianism. Dystopia. Memory.

¹ Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: momoirosparkling@gmail.com

² Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: josejayslabullet@gmail.com

³ Graduação em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas, pelo Centro Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). E-mail: laurenn.novais@gmail.com



INTRODUÇÃO

O artigo que ora apresentamos é fruto de inquietações acerca dos romances *1984*, de George Orwell (1949), e *Coração de Aço*, de Brandon Sanderson (2016). Sendo que as obras, de forma distópica, apresentam relações totalitárias, a motivação para tal pesquisa veio embasada por estudos sociológicos e filosóficos, sobre relações de poder, alienação e autoritarismo em contextos sociais. Assim, analisamos as obras a partir da crítica comparativista, buscando indicar seus aspectos divergentes e semelhantes. No decorrer da pesquisa foram abordados conceitos importantes como o de poder invisível (FOUCAULT, 1987) e violência simbólica (BOURDIEU, 2014) para a melhor compreensão das relações de poder dispostas em diferentes contextos sociais e históricos.

O desenvolvimento do discurso de poder é uma concepção simbólica e que marca o enredo de ambas as narrativas. Desta maneira, há uma progressão do discurso autoritário e uma compreensão do que simboliza tal poder.

Nesta concepção, a relação com o contexto histórico está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do enredo das obras, pois a necessidade de fabular a respeito do futuro pode, muitas vezes, utilizar conceitos já existentes e que avançam com o tempo, mas permanecem em discussão. Por isso, a compreensão de que as obras poderiam, em certa medida, elucidar quais mudanças e conceitos vêm se cultivando nas sociedades contemporâneas, e de que maneira as ideias postuladas no texto de Orwell (1949) foram apropriadas para dar seguimento às obras da atualidade que discorrem acerca da temática do totalitarismo e do fascismo.

Refletimos acerca do papel das obras e como reagem em forma de protesto e, em certa medida, como um aviso futuro. Uma análise dos textos em questão elenca questões de como essas representações se configuram de fato como uma previsão distópica, como essas relações de poder se formam nas narrativas podendo ser percebidas a partir de uma verossimilhança tão próxima que causasse o sentimento de alerta a partir de suas leituras.

Sendo assim, a análise se prestou a desenvolver uma noção da representação destas relações de poder na contemporaneidade, sobretudo na visão de seus ditadores cruéis e implacáveis. Desta maneira, o estudo se debruçou em aspectos estruturais das obras, como foco narrativo discursivo que se atenta às relações de poder, linguagem que é utilizada como forma de alienação da massa, personagens que se assemelham nas obras e que carregam características similares válidas para comparação e o enredo.



Destarte, foi desenvolvida uma análise sobre a representação das massas neste contexto distópico, por razões estruturais da sociedade, uma vez que essa atribuição de poder está ligada intrinsecamente à classe que está presa no cenário de um governo totalitário. Portanto, a pesquisa ofereceu uma análise da representação da sociedade enquanto número e classe, apurando as perspectivas dispostas nas obras em sua organização e de que forma elas são similares ou não.

As citações nesse trabalho foram retiradas da edição de 2009 de *1984*.

1984 e Coração de Aço em foco

Romances distópicos, como *1984* (ORWELL, 1949) e *Coração de Aço* (SANDERSON, 2016), são baseados em aspectos verossímeis. Neste sentido, as obras aproximam-se de aspectos culturais e políticos de ambas as épocas e problemas futuros que são tratados em sistemas totalitários, esses problemas são ligados a desigualdade social. Destacamos a intertextualidade entre as obras, indicando alguns pontos importantes que as aproximam. As configurações de poder são vistas como fenômenos visíveis e invisíveis da realidade social, mesmo percebidas de forma macroestrutural, também devemos levar em consideração os mínimos detalhes que não são notados. Neste sentido, é relevante destacar a historicidade e memória temporal e que a recordação surge de forma partidária, sendo imposta por uma classe dominante. Então, ressaltamos que a alienação é usada como forma de alteração e manipulação da memória.

1984 e Coração de Aço: uma intertextualidade contemporânea

Corroboramos, nos objetos de estudo, uma intertextualidade que é destacada por meio da distopia. Pavloski (2018) escreve a respeito de um breve estudo sobre a utopia totalitária no século das distopias, ressalta que a primeira edição da obra distópica *1984*, de Orwell (1949), fez setenta anos e, mesmo depois desse extenso tempo, a relevância de diferentes questões suscitadas pela narrativa parece ser ainda mais clara na contemporaneidade. Mesmo passando-se tantos anos, a obra se tornou atemporal, escrita no século XX, como uma forma de denunciar governos totalitários, ditatoriais: ou seja, governos que exercem um poder opressor e um domínio ilimitado sobre o grupo social.

Conforme a ideia de totalitarismo inserida nas obras, destacamos o primeiro termo para tais interligações, a necessidade humana, as razões pelas quais os opressores impõem ou não o



direito à liberdade. Neste quesito, o dinheiro passa a ser essencial e alvo de conquista da sobrevivência.

O banco era enorme. Uma única câmara aberta com pilares brancos que cercavam um piso de azulejos em mosaico, e portas largas que levavam ao interior do prédio. Duas grandes portas giratórias davam para a rua, e havia um par de portas normais dos lados. Homens e mulheres jorravam para dentro e para fora, como se a sala fosse o coração de alguma criatura enorme, pulsando com uma força vital de pessoas e dinheiro. (SANDERSON, 2016, p. 9)

Em *Coração de Aço* (SANDERSON, 2016), as personagens demonstram, no início da obra, a necessidade de obter dinheiro, contrário daqueles que possuem o poder: “– Dinheiro é inútil para mim, sabem? – o Épico continuou. – Completamente inútil. – Ele apontou. A mulher murchou até se tornar cinzas e ossos.” (SANDERSON, 2016, p. 12). Os chamados *Épicos*, na obra, por possuírem o poder absoluto, não necessitam do dinheiro para se manter na sociedade e, desse modo, o poder não é mais do capital, diferenciando-se de *1984* (ORWELL, 2009), em que ainda há uma manifestação de poder por meio do dinheiro.

A necessidade do dinheiro na obra *1984* (ORWELL, 2009) é destacada, como no trecho “perguntou Winston, enfiando automaticamente a mão no bolso para pegar dinheiro. Cerca de um quarto do salário do indivíduo tinha de ser reservado para contribuições voluntárias difíceis de controlar, de tão numerosas.” (ORWELL, 2009, p. 83). O personagem *Winston* toma conhecimento ao ler o livro proibido, que

Os capitalistas eram donos de tudo o que havia no mundo e todos os outros homens eram seus escravos. Eles eram donos de todas as terras, de todas as casas, de todas as fábricas e de todo o dinheiro. Se alguém lhes desobedecesse, os capitalistas podiam jogar a pessoa numa prisão, ou então mandá-la embora do emprego e obrigá-la a morrer de fome. Quando uma pessoa comum dirigia a palavra a um capitalista, tinha de curvar-se e fazer reverências, além de tirar o boné e chamar o capitalista de “Senhor”. O chefe de todos os capitalistas era chamado de Rei. (ORWELL, 2009, p. 99)

Deste modo, o protagonista, *Winston*, infringe as leis e secretamente absorve o conhecimento jamais discutido. O *livro da confraria* é um marco para a rebelião, conhecer faz parte do processo de libertação e a ideia do capitalismo absorvida desperta as dúvidas e as soluções.

Outro termo que marca o sistema autoritário, em ambas as obras, tornando-as contemporâneas, é o medo. Ele está presente em *1984* (ORWELL, 2009) e em *Coração de Aço* (SANDERSON, 2016). Segundo Foucault (1987), o medo é um mecanismo para controle da



massa, como uma segurança que nenhum indivíduo irá romper o sistema. “As pessoas não só têm que saber, mas também ver com seus próprios olhos. Porque é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantias da punição.” (FOUCAULT, 1987, p. 75).

Esta concepção de medo, destacada nas obras, não difere da outra. Em *Coração de Aço* (SANDERSON, 2016), mesmo que as personagens possuam o conhecimento, elas ainda são mobilizadas pelo medo, como no trecho: “– Ninguém mais está lutando! – gritei para eles. – Ninguém nem tenta! Vocês são os únicos que restam. Se até vocês têm medo de homens como Coração de Aço, como as outras pessoas vão pensar diferente?” (SANDERSON, 2016, p. 55).

Em *1984* (ORWELL, 2009), o medo se configura por meio da manipulação da mente, pois o ditador se apropria de mecanismos de punição para aqueles que pensam de forma diferente, legitimando esta ação como um crime, punível com a morte. “O pensamento-crime não acarreta a morte, pensamento crime é a morte” (ORWELL, 2006, p. 40). Dessa forma, torna-se impossível se rebelar contra o poder autoritário que prevalece em ambas as obras.

A obra mais antiga se caracteriza dentro de seus aspectos distópicos, conceitos que permanecem ativos e visíveis em relação à obra mais recente. Carvalhal (2006), se debruça sobre os conceitos de intertextualidade:

A noção de intertextualidade abre um campo novo e sugere modos de atuação diferentes ao comparativista. Do "velho" estudo de fontes para as análises intertextuais é só um passo. Mas essa é uma travessia que significa para o comparativista engavetar os antigos conceitos (e preconceitos) e adotar uma postura crítico-analítica que seus colegas tradicionais evitavam. Principalmente, as novas noções sobre a produtividade dos textos literários comprometem a também "velha" concepção de originalidade. (CARVALHAL, 2006, p. 54)

Carvalhal (2006) fala sobre o conceito de imitação, quando há uma perda de seu caráter pejorativo, sendo antes uma noção de dívida como identificação de influência. Desta forma, o fato de existir uma ligação de pensamentos, nas obras em estudo, sobre o totalitarismo, não se torna uma imitação e, sim, uma influência e noção de mundo, destacando-se os caminhos e as possibilidades de releitura do texto literário.

As configurações de poder nas obras

O poder reflete fenômenos visíveis e invisíveis da realidade social. Apesar de encarmos o poder como uma macroestrutura (aquilo que exerce força física ou moral, que impõe obediência), há também, dentro da estruturação do poder, uma microestrutura (que é sensível, um indício da complexidade humana). O poder, em sua generalidade, é utilizado de



forma consciente, visível, como vemos aplicado na teoria social, mas, frequentemente, este poder é usado de forma inconsciente, com os objetivos de restrição de pensamento e controle de massa. Em *1984* (ORWELL, 2009) e *Coração de Aço* (SANDERSON, 2016), o poder inconsciente é retratado em contextos e épocas diferenciados, por meios similares.

Orwell (2009) compreende perfeitamente o papel dos sentimentos nas relações, seja na esfera subjetiva ou nas macroestruturas políticas e sociais. Em *1984* (ORWELL, 2009), o totalitarismo é sempre amenizado pela falsa certeza de que “O grande irmão zela por ti” (ORWELL, 2009). Essa falsa certeza difundida pelo partido compele a sociedade a ocultar os atos nefastos do partido, pois estão acalentados pelo sentimento de uma falsa segurança.

De forma similar, Sanderson (2016) empreende a mesma relação de poder dentro de seu universo. *Coração de Aço* fundamenta seu império no medo e obediência cega. Essa relação é mais que necessária para a consistência de seu império totalitário, o medo das pessoas o mantém no poder, uma vez que sua fraqueza é exatamente o oposto, alguém que não o tema, o que acabaria com seu reinado interminável. Para isso, o governo manipula mentalmente a sociedade para que esta mantenha-se constantemente amedrontada pela figura no poder.

Ambas as obras comportam preceitos discutidos por Foucault quando ele pontua que os sentimentos penetram todas as relações humanas.

As relações de poder nas sociedades atuais têm essencialmente por base uma relação de força estabelecida, em um momento historicamente determinável, na guerra e pela guerra. E se é verdade que o poder político acaba a guerra, tenta impor a paz na sociedade civil, não é para suspender os efeitos da guerra ou neutralizar os desequilíbrios que se manifestaram na batalha final, mas para reinscrever perpetuamente estas relações de força, através de uma espécie de guerra silenciosa, nas instituições e nas desigualdades econômicas, na linguagem e até no corpo dos indivíduos. A política é a sanção e a reprodução do desequilíbrio das forças manifestadas na guerra. (FOUCAULT, 2014, p. 99)

Em *A Reprodução*, Pierre Bourdieu (1970) expõe o conceito de violência simbólica, que se constitui em uma força, que atinge as pessoas, ou seja, a sociedade, não de forma física, mas de forma moral, emocional, social e psicológica. Em todos os espaços sociais, existe uma configuração que determina a atuação de cada indivíduo, o que este pode ou não fazer, como deve ou não agir, o que pode ou não falar.

Essas configurações são aspectos de uma construção social que, aos poucos, será internalizada naqueles que a compõem, afetando a maneira como os indivíduos veem e vivenciam as relações sociais. Os aspectos impostos fazem com que os indivíduos sejam oprimidos, coagidos, e que sintam a obrigação de adequar-se ao comportamento dos mais variados espaços sociais ou campos sociais.



O efeito de absolutização do relativo e legitimação do arbitrário é produzido não somente pela instauração de uma correspondência entre hierarquia cosmológica e a hierarquia social ou eclesiástica, mas também e, sobretudo, pela imposição de um modo de pensamento hierárquico que, por reconhecer a existência de pontos privilegiados tanto no espaço cósmico como no espaço político, “naturaliza” as relações de ordem. (BOURDIEU, 2015, p. 71)

Durante a narrativa de *1984* (ORWELL, 2009), a guerra é utilizada por aqueles que se encontram no poder para manter o espírito nacionalista da sociedade e mostrar como o *Grande Irmão* possui poder sobre outras nações.

Em princípio, o esforço de guerra é sempre planejado de forma a consumir todo o possível excedente, depois de atendidas as necessidades básicas da população. Na prática, as necessidades da população são sempre subestimadas, verificando-se dessa maneira uma escassez crônica de metade dos artigos necessários à vida; porém, é visto como uma vantagem (ORWELL, 2009, p. 227)

Quanto mais a população teme, mais alto o partido chega na hierarquia e mais ela se acentua. O controle mental internaliza na sociedade um alerta com relação a uma guerra constante e infundável, o que os mantém ocupados e indiferentes com a situação governamental.

É necessário que ele tenha a mentalidade adequada a um estado de guerra. Não interessa se a guerra está de fato ocorrendo e, visto ser impossível uma vitória decisiva, não importa se a guerra vai bem ou mal. A única coisa necessária é que exista um estado de guerra. (ORWELL, 2009, p. 228)

Símile ao *Grande Irmão*, *Coração de Aço* está constantemente em guerra com outros Épicos e estes estão sempre lutando contra ele, mesmo tendo conhecimento de sua grandiosidade e invencibilidade. As vitórias de *Coração de Aço* sobre seus inimigos são exibidas e divulgadas a todos da população para reforçar sua soberania e a ideia de que a cidade está em constante guerra por poder e dominação, e que todos estão a salvo sob o poder do governante em vigência.

Achamos que vocês encontraram uma ala de manipulação pública do governo de *Coração de Aço*. Os arquivos que trouxeram de volta incluíam comunicados de imprensa, rascunhos de rumores que deveriam ser disseminados e histórias de coisas que *Coração de Aço* fez. A maioria das histórias e dos rumores é falsa [...] A maioria das histórias é sobre atrocidades que ele cometeu. Pessoas que assassinou, prédios, até cidades inteiras que ele destruiu. Mas nada disso sequer aconteceu. (SANDERSON, 2016, p. 217)

Destarte, à medida que a sociedade vai se modificando com o avanço de renovadas perspectivas de avanço tecnológico e humano, essas relações de poder vão também se



modificando, em dado momento se adequam ao poder dominante e ao período histórico em que estão inseridas.

As relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. [...] investimento político do corpo está ligado [...] à sua utilização econômica como força de produção que o corpo é investido por relações de poder e de dominação. (FOUCAULT, 1987, p. 29)

Este conceito de poder, apesar de parecer invisível, evolui e apresenta-se nos aspectos sociais internos, o que torna difícil o processo de exterminá-lo por meio de outra medida que não seja uma revolução completa por parte da sociedade, uma revolução tanto física quanto mental.

A memória e o tempo como historicidade

As narrativas das obras assumem uma perspectiva temporal e histórica que se faz importante no decorrer da trama, esses traços se formam a partir da memória e do tempo. Nesta perspectiva há uma instrumentalização da memória como objeto de poder e manipulação, a compreensão de que a história é uma recordação surge de forma partidária por perspectivas de uma classe dominante.

Em 1984 há uma materialização da história como ferramenta de controle, essas ações são feitas para que a percepção da realidade seja modificada de acordo com os interesses da classe dominante, no caso da trama é caracterizado com o *partido*. Benjamin (2012), em seu livro *Anjo da História*, compreende a história como um pensamento que surge na mente como um clarão, e que essas origens podem ser percebidas em momentos de perigo e ameaça, logo a reflexão sobre a história é feita a partir de uma decodificação da realidade, ou seja, pensar historicamente não é pensar no passado como de fato foi, e esse instrumento pode fazer com que toda uma massa possua uma percepção da realidade em que quem comanda é quem possui o controle da memória.

Esse entendimento do controle da História dentro das narrativas totalitárias é desenvolvido de forma consciente e, dessa maneira, existe uma estruturação de memória falsa que se modifica por percepções e interesses políticos, que determina a assimilação da realidade. A manipulação de fatos históricos em ambas as obras se caracteriza como uma operação, manifestando-se de forma explícita.



Considerando, desta forma, que as memórias são constituídas de forma social, logo o domínio do passado pode ser um agravante no tecido sociocultural. “Enfim, muitas dessas histórias são acompanhadas por documentação alegando que foram criadas por Coração de Aço em pessoa. Ele até comenta a falsidade delas e a necessidade de substanciá-las como fatos inventados.” (SANDERSON, 2016, p. 218). A configuração inegável da consciência do antagonista se perpetua durante a trama e evidência, então, a intenção de controle de fatos históricos a partir de uma ótica material, ou seja, em um prisma que a história pode ser modificada e transformada por meio de seu desejo.

Os espaços em que a percepção histórica se configura nas obras estão postos de formas distintas. Em *1984*, Orwell aponta a relevância da história e do passado, atribuindo uma esfera política chamada “*Ministério da Verdade*” que atua de forma prática para a mudança de fatos históricos, desta forma a classe dominante possui o controle da percepção da realidade da massa dominada. Neste sentido, o mecanismo de controle faz com que as pessoas passem por um processo de esquecimento, pois o fato que se postulava na memória já não pode mais ser decodificado como real, uma vez que os processos culturais não comportam as informações que permitem a visão ampla e factual do passado.

Destarte, em *Coração de Aço* (SANDERSON, 2016), Sanderson (2016) conduz uma narrativa sucinta do controle da história, mesmo dispondo percepções da compreensão das personagens sobre o passado, o controle não toma proporções grandiosas e modificações extremas que prejudiquem a percepção da realidade da massa, mas atua na própria imagem do ditador para que essa seja temida por todos, ainda que seja a melhor opção de governante.

Você mata, permite que os Épicos matem, vira as armas dos próprios homens contra eles. Você até espalha rumores falsos sobre como é terrível, como se não pudesse se dar o trabalho de ser tão mal quanto deseja. Você quer que tenhamos medo” (SANDERSON, 2016, p. 362)

Neste prisma, o controle do passado se desenvolve pela criação de uma realidade, ou de uma memória, que não condiz com o verdadeiro, assim, dentro dos âmbitos sociais, a massa passa, também, por um processo de esquecimento e as informações ditas por uma classe dominante se postula palpável. Nesse ínterim, é oportuno mencionar Sá (2012, p. 96), para quem “são as pessoas que se lembram e se esquecem, embora o que ou como se lembram e se esquecem seja determinado pela sociedade, pela cultura e, em especial, pela linguagem”. Portanto, o processo de esquecimento está ligado de forma essencial à consciência cultural, uma vez que a memória é desenvolvida por aspectos de comunicação social.



Essa espécie de "cultura da obediência", que acaba por impor normas rígidas com vista a um pressuposto ideal de convivência, pode também ser interpretada como a despotencialização do indivíduo, expondo-o à sua fragilidade em detrimento das suas forças e neutralizando, assim, seus impulsos criativos, tornando-o sempre um refém dos que mandam (BARRENECHEA e DIAS, 2013, p. 2-3).

O estudo da memória de caráter social se debruça por visões em que a sociedade cultua o que vive. Sendo assim as fontes do processo histórico são compreendidas como instrumento, tal qual padroniza o indivíduo e o transforma em seres que podem ser moldados para que obedeçam a um centro de poder específico.

A percepção da realidade está ligada diretamente a uma consciência que determina que o real só pode ser aquilo que já foi vivenciado, ou que, de alguma forma, parte de uma crença da existência do signo, ou seja, o indivíduo percebe sua realidade nos limites em que pode existir sua subsistência e da qual consegue decodificar a realidade a partir do signo linguístico. Desta forma, está forçado a atuar como submisso de interesses de um sistema ou uma classe dominante.

A percepção de que há um poder que age de forma invisível dá espaço para que o discurso e os mecanismos de controle atuem, sendo assim, a memória do perigo não poderia ser mais um agravante dentro dos processos de totalitarismo, pois, após as mudanças dos fatos, toda a cultura é modificada também. No entanto, para que a alteração da história seja bem-sucedida, é preciso contar com o tempo e com o coletivo.

Na narrativa de *1984*, Orwell assume que os trabalhos, pelos quais o *Grande Irmão* ganha o mérito, são desenvolvidos por um coletivo que deve ser, necessariamente, a própria massa. Desta forma a propagação da memória é feita de forma cultural e linguística, e a decodificação da realidade afasta o indivíduo de sua essência para tornar-se material.

A segunda coisa que você deve entender é que poder é poder sobre os seres humanos – mas, acima de tudo, sobre as mentes. Poder sobre a matéria - a realidade objetiva, como você diria - não é importante. Nosso controle sobre a matéria é absoluto (ORWELL, 2009, p. 309).

Portanto, o controle da história, em *1984*, ocupa proporções importantes e se mostra essencial para o processo de um sistema de controle total da massa. Compreendemos então que a materialização do indivíduo faz parte de um contribuinte para a proliferação de memórias que não condizem com o fato. Ainda que ele estivesse escrito e vivenciado por muitos, a decodificação desta realidade não pode mais ser vista como verdadeira e perde seu valor cultural.



A alienação como forma de alteração e manipulação da memória

Para Foucault (1987), o conhecimento e o poder estão ligados, o que significa que quem possui mais conhecimento possui um poder simbólico. Desta forma estas forças se manifestam nas esferas sociais e permeiam as classes mais favorecidas. Para manter a supremacia em um estado de domínio, o detentor do poder necessita que a minoria, em seu estado democrático, possua uma aquisição menor de poder, ou seja, o conhecimento pode ser distribuído de forma fragmentada.

Em *1984* (ORWELL, 2009), o partido possui um *slogan* que pode ser visto e cultuado por todos – “ignorância é força” – e, para que essa realidade seja compreendida pela massa, a sociedade deve passar por um processo de alteração e manipulação da memória. Tal ideia é corroborada por Foucault (1987), para quem poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. (FOUCAULT, 1987, p. 31).

Para continuar o processo de manipulação da massa, é necessário conservar o homem alienado da realidade e de si mesmo, pois, desta forma, é possível mantê-lo sob controle com ausência de qualquer contestação. Nesse sentido, Foucault (2014) ressalta que,

em uma sociedade como a nossa, mas no fundo em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso. Não há possibilidade de exercício do poder sem uma certa economia dos discursos de verdade que funcione dentro e a partir desta dupla exigência (p. 101).

Sanderson e Orwell retratam em seus romances a alienação da massa por mantê-la constantemente sob a observação dos estados autoritários e, por conseguinte, criam uma sociedade idealizada onde todo o controle imposto provê, simbolicamente, uma vida compensatória. A realidade trata exatamente do oposto, mas a divulgação de um futuro melhor mantém a população mentalmente acorrentada.

O ideal definido pelo partido era uma coisa imensa, terrível e luminosa - um mundo de aço e concreto cheio de máquinas monstruosas e armas aterrorizantes -, uma nação de guerreiros e fanáticos avançando em perfeita sincronia, todos pensando os mesmos pensamentos e bradando os mesmos slogans, perpetuamente trabalho, lutando, triunfando, perseguindo - trezentos milhões de pessoas de rostos iguais. A realidade eram cidades precárias se decompondo, nas quais pessoas subalimentadas se arrastavam de um lado para o outro em seus sapatos furados no interior de casas do século XX com reformas improvisadas, sempre cheirando a repolho e a banheiros degradados. (ORWELL, 2009, p. 93)



A trama de *1984* gira em torno de aparatos de poder e o uso do controle da individualidade. Todo o tempo que possa ser vago é preenchido pelas atividades em grupo, limitando o tempo para pensamentos vãos que possam causar questionamento e uma futura revolta.

Todavia, é sabido que somente a crença de uma melhoria não é capaz de reter mudanças e, por isso, são criadas formas mais eficazes, porém, sutis de controle. Uma ferramenta adicional de manipulação utilizada pelo *Partido*, em *1984*, é a *Novafala*. Trata-se de uma alteração da linguagem, uma língua desenvolvida para substituir a fala recorrente. Seu principal objetivo é diminuir o vocabulário e principalmente o sentido das palavras, dessa forma, será quase impossível uma construção léxica que ataque o partido e sua ideologia.

Você não vê que a verdadeira finalidade da Novafala é estreitar o âmbito do pensamento? No fim teremos tornado o pensamento-crime literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo. Todo conceito de que pudermos necessitar será expresso por apenas *uma* palavra, com significado rigidamente definido, e todos os seus significados subsidiários serão eliminados e esquecidos. (ORWELL, 2009, p. 69)

A língua é o que conserva um teor considerável de historicidade da vida do ser humano como cidadão. Uma vez modificados, os signos e seus significados serão alterados e não haverá nenhuma forma crítica de expressão, principalmente com relação ao poder totalitário. O propósito do *Partido* é limitar os pensamentos e a fala para aniquilar a existência de questionamentos e revoltas e impedir que aspectos históricos registrados permitam a queda do governo. Por esta razão, são perseguidos, modificados e destruídos todo resquício de liberdade de expressão.

Um estado autoritário exige obediência incondicional, busca diminuir a racionalidade entre os indivíduos que compõem a sociedade, na tentativa de levá-los a um quadro de alienação e submissão cegas aos ditames do Estado. O conhecimento é o maior empecilho para o processo de controle e dominação das massas, logo, torna-se o foco principal a ser erradicado pelos governos autoritários.

Coração de Aço preza por esse princípio para manter-se no poder. Qualquer indivíduo que demonstrasse uma habilidade ou um nível acima do esperado de inteligência era convocado a trabalhar em prol do governo do Épico. Dessa forma, ele observa constantemente aqueles que possivelmente poderiam destruí-lo.

Coração de Aço pega os inteligentes porque os teme. Ele sabe, David. Todas essas armas não o assustam. Não serão elas que vão derrotá-lo. Será a pessoa esperta o bastante, *inteligente* o bastante, para descobrir a rachadura na armadura dele. O Épico



sabe que não pode matar todos os inteligentes, então os emprega. (SANDERSON, 2016, p. 149)

O ditador faz com que o detentor do conhecimento faça parte do seu sistema de controle, pois, assim, o indivíduo deixa de ser crítico e atuante, para ser alienado e condescendente com as ações do dominador. Transforma-se, então, em matéria, perde a percepção da memória e se mantém em um espaço de poder dentro do mecanismo para que ele faça parte das medidas de alteração da história.

A narrativa de *1984* apresenta procedimentos que funcionam como ferramentas de controle e manipulação da memória. O *Partido* controla a mente de todos, modificando documentos da história e atribuindo normas punitivas para aqueles que se manifestam contrário aos pensamentos do governo. O controle, em sua essência, é efetivado por meio da linguagem e, para tal, o sistema atribui como *crimepensar*, ou seja, há, dentro de suas normas, palavras que devem ser proibidas de serem pronunciadas e até mesmo de existirem, de forma que perderão seu sentido e todos os conceitos a elas atribuídos são esquecidos.

Inúmeras palavras, como *honra, justiça, moralidade, intencionalismo, democracia, ciência e religião* haviam simplesmente deixado de existir, passando a ser englobadas em alguns vocábulos que, no ato de englobá-las, provocam sua obliteração. Todas as palavras cujo sentido giravam em torno dos conceitos de liberdade e igualdade, por exemplo, estavam contidas na palavra *crimepensar* (ORWELL, 2009, p. 354).

Neste diapasão, ocorre então um domínio e um controle das mentes, tornando o indivíduo um objeto, a partir da manipulação da memória. Não se pode pensar em conceitos de liberdade e igualdade, o que significa que seu sentido não pode ser percebido nos âmbitos sociais. Não poder compreender o que é ser livre, para não se rebelar contra o sistema. Não poder entender o conceito de igualdade, para que as classes sociais sejam mantidas dominadas, de maneira que o poder, em sua totalidade, seja exemplificado naquele que domina a memória e os mecanismos de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se apresentou como uma discussão crítica acerca das relações de poder e autoritarismo mimetizadas por dois romances, *1984*, de George Orwell, publicado em 1949, o segundo romance analisado foi *Coração de Aço*, de Brandon Sanderson, publicado em 2013, sendo parte da monografia de conclusão de curso, defendida no curso de Letras, do Centro



Universitário Planalto do Distrito Federal (UNIPLAN). Foi demonstrado, a partir da crítica comparativista, como os preceitos e conceitos dispostos por Carvalho (2006) e Kristeva (2012), são dispostos nas obras e apresentam aspectos intertextuais e de apropriação que comportam, tendo como ponto referencial a violência simbólica e as relações de poder, a momentos na história e a aspectos autoritários dispostos nos textos e sendo representados pelas personagens de ambos os objetos de estudo.

Para alcançarmos tais compreensões foi analisada a forma como o discurso autoritário se dispõe nas narrativas, demonstrando com passagens de ambos os textos as configurações de poder e as formas de manipulação das massas. Tomando como aporte teórico as percepções de Foucault (1987) e Bourdieu (2014), relacionamos os preceitos sociais e filosóficos, de maneira a discorrer acerca das narrativas a partir de seu contexto distópico e histórico contemporâneo.

O presente trabalho constituiu-se de reflexões e apontamentos acerca das contribuições do gênero romance distópico e de análises das similaridades e discursos que permanecem ativos e ameaçam algumas sociedades nos tempos atuais. A perspectiva de poder simbólico se relaciona nas obras na medida em que os interesses do grupo, ou do indivíduo, se mantêm em intenções que preservam a sua supremacia em uma posição favorecida dentro de âmbitos das classes sociais. Essas ações são tipicamente originárias de um governo autoritário, fazendo com que as obras desenvolvam conceitos que se constituem como análogos.

Nossa pesquisa foi concebida a partir de uma seleção temática, que contou com o propósito de empreender uma discussão acerca das diversas formas de um discurso se tornar alienador e totalitário. Concluímos que ambas as obras analisadas contêm uma contribuição salutar para as discussões acerca da sociedade em que estamos inseridos, além de elencar suas disparidades e divergências.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Anjo da história**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.
- BERRIEL, Carlos E. O. **Utopia, distopia e história**. *Morus – utopia e renascimento*, n. 2, 2005, p. 4-10. disponível em: https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.
- _____. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.



CARVALHAL, Tania franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à Semanálise**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

_____. **O capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAVLOSKI, Evanir. **As sete décadas de 1984, de george orwell: um breve estudo sobre a utopia totalitária no século das distopias**. Uniletras, Ponta Grossa, v. 40, n. 2, p. 177-198, jul./dez. 2018 disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/13545>>. acesso em: 10 nov. 2020.

SANDERSON, Brandon. **Coração de Aço**. São Paulo: Aleph, 2016